

## Produção escrita e experiência soropositiva: relações literárias entre Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert

## Production écrite et expérience séropositive : des relations littéraires entre Caio Fernando Abreu et Hervé Guibert

Thiago Bio Bemfica Mattos\*

Ao Pé da Letra, Recife, v. 27, n. especial, 78-88, 2025. Universidade Federal de Pernambuco.  
ISSN 1984-7408. DOI: <https://doi.org/10.51359/1984-7408.2025.267942>

**Resumo:** O brasileiro Caio Fernando Abreu e o francês Hervé Guibert tocam-se em diversos sentidos: escrevem contemporaneamente durante a epidemia do vírus da imunodeficiência humana (HIV) nos anos 1980 e 1990, produzem uma obra marcada pela profissão em redações de jornais e revistas, inserem-se em seus textos e apresentam fatos biográficos para tratar de assuntos maiores, entre outros pontos comuns. Contudo, também diferenciam-se quanto ao modo como lidaram com o medo da época, por exemplo: Abreu costuma expor-se com maior otimismo e deseja combater a hipocrisia que encobre o vírus, enquanto Guibert revela-se mais fatalista e desesperançado, sentindo-se abandonado por pares de sua comunidade. “Negro amor ao som de Bruce Springsteen” (1994), de Abreu, e *Ao amigo que não me salvou a vida* (1990), de Guibert, abordam casos de outros homossexuais convivendo com HIV antes dos próprios escritores tomarem conhecimento dos respectivos diagnósticos. Neste trabalho, apresentamos vias de aproximação e afastamento entre a produção dos dois que, pressagiando a experiência soropositiva e a perenidade da vida, usaram de sua obra como um meio para resistir ao preconceito da época, disseminar informações relacionadas à aids e desestigmatizar a vida de pacientes após o resultado positivo para HIV.

**Palavras-chave:** Relações literárias Brasil-França; Soropositividade; LGBTQIAPN+; Literatura brasileira dos anos 1990.

**Résumé :** Le Brésilien Caio Fernando Abreu et le Français Hervé Guibert se rejoignent sous divers aspects : ils écrivent simultanément pendant l'épidémie du virus de l'immunodéficience humaine (VIH) dans les années 1980 et 1990, produisent une œuvre marquée par leur profession dans des rédactions de journaux et de magazines, intègrent leurs textes personnels et présentent des faits biographiques pour aborder des sujets plus vastes, parmi d'autres points communs. Cependant, ils se distinguent également par la manière dont ils ont affronté la peur de l'époque. Par exemple : Abreu a tendance à se montrer plus optimiste et cherche à combattre l'hypocrisie qui dissimule le virus, tandis que Guibert se révèle plus fataliste et désespéré, se sentant abandonné par ses pairs au sein de sa communauté. Dans « Negro amor ao som de Bruce Springsteen » (1994) d'Abreu et *À l'ami qui ne m'a pas sauvé la vie* (1990) de Guibert, ils abordent des cas d'autres homosexuels vivant avec le VIH avant que les écrivains eux-mêmes ne découvrent leurs diagnostics respectifs. Dans ce travail, nous présentons les voies de rapprochement et d'éloignement entre les productions de ces deux auteurs, qui, pressentant l'expérience séropositive et la pérennité de la vie, ont utilisé leur œuvre comme un moyen de résister à la stigmatisation de l'époque, de diffuser des informations sur le sida et de déstigmatiser la vie des patients après un résultat positif au VIH.

**Mots-clés :** Relations littéraires Brésil-France ; Séropositivité ; LGBTQIAPN+ ; Littérature brésilienne aux années 1990.

---

\* Graduando do Bacharelado em Letras Português - Francês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH, da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [thiago.bemficamattos@usp.br](mailto:thiago.bemficamattos@usp.br). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0911-1030>. Este artigo é resultado da pesquisa elaborada ao longo do segundo semestre de 2024 para a disciplina Relações Literárias Brasil-França, ministrada e sob supervisão do Prof. Dr. Alexandre Bebiano de Almeida, docente do Departamento de Letras Modernas.

## 1. Introdução

Caio Fernando Abreu nasceu em 12 de setembro de 1948, em Santiago (RS). Publicou seu primeiro livro, uma coletânea de contos, *Inventário do irremediável*, em 1970. Escreveu romances, contos, novelas e peças de teatro; foi cronista e contribuiu para jornais, incluindo uma seção quinzenal para o jornal *O Estado de S. Paulo*, além de publicações no *Zero Hora* e uma cobertura para a então recém-criada revista *Veja*; viajou pela América e pela Europa; teve importantes amizades com intelectuais e promotores da cultura brasileira da segunda metade do século XX. Descobriu seu diagnóstico do vírus da imunodeficiência humana (HIV) em agosto de 1994, aos 45 anos. Faleceu em 25 de fevereiro de 1996, aos 47, em Porto Alegre (RS), em decorrência de complicações do vírus.

Agora, cruzemos o Atlântico de sul a norte, oeste a leste.

Hervé Guibert nasceu em 14 de dezembro de 1955, na comuna de Saint-Cloud, nos arredores de Paris. Sua primeira obra publicada foi uma coletânea de contos autobiográficos, *La Mort propagande*, de 1977. Escreveu romances, contos, roteiros e diários; foi fotógrafo e, ainda que um tanto forçado, fez do jornalismo seu ganha-pão, com contribuições e críticas para o caderno de cultura do *Le Monde*; viajou pela Europa e pela América; estreitou laços com figuras em ascensão das ciências humanas e da produção cultural francesa da segunda metade do século XX. Muito protelado, o diagnóstico que detectou o HIV em seu corpo veio em janeiro de 1988, quando Guibert tinha 32 anos. Faleceu em 27 de dezembro de 1991, aos 36, em Clamart, ao sul de Paris, após uma tentativa de suicídio, atormentado pelas complicações do vírus.

Longe de empreender alusões a uma numerologia entre os dois escritores, é fato que as trajetórias dessas duas figuras se aproximam e se tocam em diversos sentidos. Ambos marcaram a literatura contemporânea de seus países e, nas obras que produziram, exploraram os temas da doença, da sexualidade, da vida homossexual em tempos de aids e da memória — ainda que não se restringindo a eles. Como tentativa de aproximá-los, aqui abordaremos em especial uma crônica de Abreu, “Negro amor ao som de Bruce Springsteen”, selecionada entre os textos reunidos postumamente em *A vida gritando nos cantos* (2012), e dois capítulos, o 8º e o 31º, da autoficção de *Ao amigo que não me salvou a vida* (1990), de Guibert.

Em 15 de maio de 1994, sai no jornal *O Estado de S. Paulo* a crônica de Abreu, na qual o autor, em viagem a Paris, descreve um segundo encontro fortuito com um garçom brasileiro que trabalhava na capital francesa. Por acaso, se reviram em um bar que os dois estavam frequentando, e João lhe contou a história de seu amor com Christian, um francês com quem estabelecera um relacionamento já fazia dez anos. O namorado ficou doente e atestou-se que ele contraíra o vírus da aids. Quando a doença de Christian piorou gravemente, sua mãe judia, que não sabia da homossexualidade nem da doença do filho, viajou de Toulouse à capital e deparou-se com o namorado, o que provocou grande conflito emocional e o florescimento de preconceitos enraizados. Decidido a ficar com Christian até

o fim, por ser negro e brasileiro, João enfrentou a rejeição da mãe, que até evitava tocar os presentes e as comidas que ele levava ao apartamento dos dois. Abreu deu conselhos ao recém-conhecido para lidar com a situação, e ambos despediram-se e deixaram novamente ao acaso para que se reencontrassem em outra oportunidade.

Por sua vez, Hervé Guibert, em *Ao amigo que não me salvou a vida*, romance que envolve sua autobiografia, faz um relato profundo e pessoal sobre o processo de seu diagnóstico do HIV. Considerado seu livro mais conhecido, foi publicado primeiro em 1990, na França, mais tarde recebeu uma tradução para o português brasileiro em 1995 pela José Olympio e, depois de algum tempo esgotado no mercado, outra em 2023 pela Todavia. Nas páginas, ele demonstra como assistiu ao vírus primeiro acometer amigos próximos, gerando-lhe grande temor, até chegar a vez de ver o próprio corpo ser gradualmente consumido pela enfermidade. Ao mesmo tempo, faz uma crítica grave aos amigos e médicos que o acompanhavam nessa jornada de sofrimento, marcada pela aceleração da morte e pela falta de conhecimento sobre a doença na época.

No capítulo oitavo, Guibert conta da primeira vez que ouviu falar da aids: em 1981, por um amigo diretor de um laboratório farmacêutico que vira o assunto crescer em artigos médicos estadunidenses. O escritor via a doença com ceticismo, assim como seu amigo e vizinho Muzil (ainda que não revelado explicitamente no livro, sabe-se hoje que se trata de um apelido para Michel Foucault), achando impossível que a doença fosse exclusiva de homossexuais, como se acreditava na época. Muzil já estava infectado, embora ainda sem estar ciente, e meses depois caiu em depressão conforme os efeitos do vírus avançaram. Menciona-se o medo de Muzil de replicar a doença na vida de seu namorado Stéphane. Páginas mais à frente, no capítulo 31, em junho de 1984, Muzil caiu na cozinha de casa e bateu a cabeça. Quem o encontrou foi Stéphane, justamente, que chamou a família para acompanhá-los em uma internação. Muzil estava debilitado, ainda com músculos fortes, embora com o corpo fraco pela doença. O irmão ajudou a levá-lo para um hospital mais perto de casa, e a irmã o visitava com alimentos e remédios mesmo contra as indicações dos enfermeiros. Cansado, Muzil expressava seu desespero e medo da condição, sentindo que não havia mais nada a ser feito, passava por intensos ataques de tosse e sentia desconforto com o tratamento. Seguiram-se então as últimas semanas de vida dele — Michel Foucault morreria naquele mesmo mês, 22 dias depois da queda no interior de seu apartamento.

## 2. Aproximações e afastamentos

Tanto Hervé Guibert quanto Caio Fernando Abreu iniciaram suas carreiras profissionais no jornalismo enquanto paralelamente se dedicavam aos textos literários. A pressão diária e a rotina exaustiva nas redações afetaram o processo criativo de cada um, e com frequência eles reclamavam do tempo limitado para se dedicar à ficção. Era um emprego banal que consumia tempo e energia, mas que, paralelamente, teve influência direta no estilo de seus textos literários. A produção dos jornais e revistas implicou na

fragmentação e na brevidade das narrativas que saíram em livro e refletiu em uma abordagem concisa e densa da escrita.

O inverso também foi verdadeiro: a literatura teve influência similar nos textos que produziram nas redações. Não à toa Abreu se dedicou por mais de dez anos à crônica, por exemplo, gênero que se insere em um lugar de entremeio, que contém em si mesmo uma matriz midiática (coletividade, periodicidade, “rubricidade” e atualidade) e uma matriz literária da imprensa (ficcionalização, ironia, estilo de conversação e escrita íntima) (Thérenty, 2007); no caso de Guibert, chega a ser difícil pensar em sua produção como pertencente a um só gênero, visto que constantemente mesclava vários, que recorria a sua obra literária como um espaço de experimentações e assim aplicava elementos do jornalismo, da fotografia, do cinema e das artes plásticas em suas narrativas a fim de desvelar a si mesmo (Fernandes, 2016a). Daí a necessidade de categorizá-lo entre as obras da autoficção.

Quando Abreu decide escrever diretamente de Paris sobre o que se passa em terras francesas, ele confirma sua habilidade para narrar os detalhes de um cotidiano que, embora distante do leitor do livro, carregava algo de relevante para o leitor do jornal. Vai além da simples informação: transmite vivacidade e oferece não apenas relatos, mas reflexões e opiniões sobre uma ampla gama de temas, mantendo sua obra atual e envolvente. Fala de uma adaptação teatral francesa de *A paixão segundo G.H.* (“1994: um ano para a literatura”, *O Estado de S. Paulo*, 9/1/1994), de “brasileirices” de que sente saudade, como as novelas da TV Globo (“Viva o império das coroas magníficas!”, *O Estado de S. Paulo*, 20/3/1994), de casos de violência no Brasil estampados em jornal francês (“De laços, seios, sábados e tormentas”, *O Estado de S. Paulo*, 1/5/1994), de experiências pela Europa na posição de viajante brasileiro (“Confissões de um lusófobo enfurecido”, *O Estado de S. Paulo*, 29/5/1994), e por aí vai... Ele coloca tudo isso no papel de modo cru e direto, ora com irritação, ora com poesia, frequentemente com uma leveza descontraída, sem hesitações ou adornos.

“Negro amor ao som de Bruce Springsteen” apresenta a clara empatia que se formou por parte do narrador (o próprio Caio Fernando Abreu) pelo caso de João, o garçom brasileiro. Este vive o drama de ter um parceiro com aids em estágio terminal e constrói um vínculo com Abreu a partir do momento que aborda sua história pessoal, tocando-o profundamente. Vale apontar que Abreu evita recair no enviesamento do senso comum daquele período ao abordar histórias de pessoas que contraíram aids, evitando a retratação da doença de forma igual à feita na capa fatalística de *Veja* que estampou o cantor Cazuza em 1989, por exemplo. Quando aborda as experiências soropositivas, o escritor abstrai o apelo folhetinesco e voyeurístico em prol de uma fotografia empática e humanizada.

Embora tivesse à disposição elementos que lhe permitiriam criar uma crônica sensacionalista, Abreu narra a história de João sem acenar para o dramático ou o exagerado. Abre a crônica com um “Paris”, remetendo ao trabalho de correspondência das

redações, escreve em primeira pessoa, firma-se como testemunho fiel do que foi visto e ouvido e afirma que, naquele texto, “o que importa é a história real de João” (Abreu, 2012, p. 185). Ele poderia apelar para dramatizar a situação dos namorados com a mãe, poderia focalizar no medo diante da morte iminente, poderia explorar a situação enferma de Christian, mas resolve concentrar-se na parte “dura, real, presente” (Abreu, 2012, p. 185) do caso do garçom que acabava de conhecer melhor.

Por outro lado, contudo, a narração de Guibert é mais tomada pelo medo provocado pelo vírus nos idos dos anos 1980 e 1990 como uma sentença de morte. A escrita de *Ao amigo que não me salvou a vida* acontece quatro anos após o falecimento do amigo Muzil. Inicia-se no dia seguinte ao Natal de 1988 e transcorre entre idas e vindas temporais lidando com a realidade do pressagiado diagnóstico de HIV. Escreve o autor nos dois capítulos de abertura do livro, prenunciando a história da ilusão salvatéria prometida pelo “amigo” da dedicatória-título irônica:

[...] acreditei durante três meses estar condenado por essa doença mortal chamada aids. [...] e nos meses seguintes, em que pude, por aquele acaso extraordinário, acreditar-me salvo, entre a dúvida e a lucidez, à beira tanto do desânimo quanto da esperança, não sei também o que pensar sobre nenhuma dessas questões cruciais, sobre essa alternância entre condenação e remissão, não sei se essa salvação é uma isca colocada diante de mim, como uma armadilha para me acalmar (Guibert, 2023, p. 5-6).

O tom de seu livro convive com o assombro de perder as forças por completo para o vírus da mesma forma a que ele assistira em Muzil e outros conhecidos — e isso se repetirá nos cinco livros que ele publicou depois daquele Natal, durante os quase três anos antes da tentativa de suicídio, em 1991. “Vamos todos morrer dessa doença, eu, você, Jules, todos que amamos” (Guibert, 2023, p. 94), sentencia o autor fatalmente a um amigo enquanto viajavam à ilha de Elba logo após a morte de Muzil.

Aliás, a morte deste — assim como a deterioração que lhe carcomeu as esperanças aos poucos — ganha papel anunciador do que também alcançaria Guibert cedo ou tarde. A rememoração dos traumas passados serve de meio de compreensão do presente:

Tive então, pela primeira vez, uma espécie de visão, ou vertigem, que me dava plenos poderes, que me encarregava dessas transcrições ignóbeis e que as legitimava anunciando-me, era portanto a chamada premonição, um pressentimento poderoso, que eu estava plenamente habilitado para isso porque não era tanto a agonia de meu amigo que eu descrevia, mas a agonia que me esperava e que seria idêntica, havia uma certeza de que para além da amizade estávamos ligados por um destino tanatológico comum (Guibert, 2023, p. 84).

Ainda assim, por mais iminente que visse a derrocada para o vírus, *Ao amigo que não me salvou a vida* até pode demonstrar o temor à morte, mas, nas páginas, a voz do autor permanece firme, sem vacilar, sem hesitar. Ele passa de médico em médico, entre curandeiros e charlatões, atesta sintomas inexplicáveis, revive encontros íntimos como

premonições aterradoras e, no entanto, não deixa de portar uma lucidez revigorante. Ele e o próprio mundo se desnudam. O livro registra a versão dos acontecimentos incertos aos olhos do escritor, permeado por um apelo angustiado e desesperado por salvação, mas não buscando piedade no abandono. Sua altivez e seu orgulho ficam evidentes página a página, não tenta esconder o cinismo ou revelar apenas a versão mais favorável de si.

É interessante observar a retratação da rede de apoio aos soropositivos presentes nas histórias de Abreu e Guibert. A mãe de Christian quer ajudá-lo a enfrentar a doença, mas com isso deseja também tirá-lo de onde ele mora e afastá-lo do namorado que ela não aceita e que se entrega aos cuidados do enfermo. Quer levá-lo de volta a Toulouse, onde acredita que será melhor tratado estando em família, e não com aquele “anjo negro portador da peste” de “*là-bas*”, o Brasil (Abreu, 2012, p. 186). A incompreensão e a surpresa agravam o relacionamento entre os três. E não temos a oportunidade de saber como a história se encerra, uma vez que os poucos parágrafos que nos são narrados são frutos de um fortuito encontro entre Abreu e o garçom.

Na contramão, Muzil recebe apoio da família, dos amigos e, em especial, do namorado. Todos ajudam a interná-lo e fazem visitas até serem impedidos pela equipe hospitalar — “Ele não me deu permissão de voltar a ver Muzil com vida, invocou a lei do sangue que privilegia os membros da família em relação aos amigos, não estava questionando nem um pouco que eu fosse um de seus próximos” (Guibert, 2023, p. 86). Inclusive evitam expor a situação à mídia e à sociedade, a pedidos de Muzil mesmo, uma vez que Michel Foucault era uma figura conhecida na França e fora dela. Assim como João, Stéphane encarna a figura abnegada para com seu namorado. Na verdade, mais próximo do caso de Christian está o do próprio Hervé Guibert, que exorciza sua mágoa pelo apoio que não recebeu — ou que rejeitou — diante do medo da aids, antes e depois da confirmação do HIV.

### 3. O diagnóstico da mudança

Foi exatamente ao retornar dessa viagem à Europa que Caio Fernando Abreu fez o exame e descobriu sua soropositividade. Relatar o caso de João reforçava um desejo de falar mais sobre a aids e expor ainda mais tanto o cruel mecanismo que regia o tratamento de soropositivos quanto o ostracismo inclusive de quem convivia com estes, atitude que o escritor manteve depois de assumir publicamente o diagnóstico positivo de HIV (Arriagada, 2016). Ele já abordava o tema da aids fazia ao menos sete anos, desde o livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (1987), em um período em que o surgimento do vírus ameaçava os avanços das lutas dos então direitos homossexuais, hoje LGBTQIAPN+.

Em 1988, o brasileiro já perdera amigos próximos e aprofundou-se no sofrimento desse luto na crônica “Nos amávamos tanto”, de 13 de janeiro. As perdas se assomavam até que, entre agosto e setembro de 1994, três meses depois de “Negro amor ao som de Bruce Springsteen”, Abreu comunicou o próprio resultado aos leitores da seção quinzenal de crônicas de sua autoria para *O Estado de S. Paulo*. Ele confirma a doença aos leitores em

uma série de três crônicas sequenciadas conhecidas como “Cartas para além dos muros”, publicadas em 21 de agosto e em 4 e 18 de setembro. Referenciando-se aos muros do cemitério que via através da janela de um quarto em que foi internado, essas epístolas entreveem a possibilidade de ele ser mais que um corpo moribundo. “Alguma coisa aconteceu comigo. Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar claramente sobre ela” (Abreu, 2014, p. 124), abre o escritor na primeira delas. “No caminho do inferno encontrei tantos anjos” (Abreu, 2014, p. 127), conta na segunda, e cita Derek Jarman, Freddy Mercury, Cyril Collard, Néstor Perlongher, Renato Russo, Cazuza e até Hervé Guibert, já falecido, o qual “continua sua interminável carta para o amigo que não lhe salvou a vida” (Abreu, 2014, p. 129). A revelação explícita vem na terceira, descoberta a existência do vírus em seu corpo já há dez anos:

Procurei um médico e, à revelia dele, fiz O Teste. Aquele. [...] o resultado: HIV positivo. [...] Depois, foram 27 dias [no Hospital Emílio Ribas, em São Paulo] habitados por sustos e anjos — médicos, enfermeiras, amigos, família, sem falar nos próprios — e uma corrente tão forte de amor e energia que amor e energia brotaram dentro de mim até tornarem-se uma coisa só. [...] Aceito todo dia. Conto para você [leitor], porque não sei ser senão pessoal, impudico, e sendo assim preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo (Abreu, 2014, p. 130).

Para um gênero de tão pouca perenidade, é um projeto consistente o de Abreu de falar abertamente e desmistificar os fatos por trás da epidemia de HIV em suas crônicas. No entanto, em 16 de agosto, antes de abrir ao público geral, o gaúcho envia uma carta a uma amiga conterrânea, a pintora Maria Lídia Magliani. Foi escrita durante essa internação de quase um mês, três anos após o falecimento do par francês com quem aqui estamos a comparar. Nela, o escritor também mantém a posição otimista:

Pois é, amiga. Aconteceu — estou com AIDS — ou pelo menos sou HIV + (o que parece + chique) [...] E pasme. Estou bem. Nunca tive medo da morte [...]. Quero ajudar a tirar o véu de hipocrisia que encobre este vírus assassino. Mas creia, estou equilibrado sereno e às vezes até feliz (Abreu, 2016).

Em contraste, *Ao amigo que não me salvou a vida* captura os primeiros anos incertos da epidemia. Ainda que escrevendo em 1988, os acontecimentos narrados na primeira metade do livro compreendem o início da década, quando as pesquisas aos casos do vírus engatinhavam e poucos tratamentos haviam sido aplicados ou testados. Guibert evita ir às clínicas de exame e tratamento de HIV, sente o olhar atravessado de pessoas a quem pede ajuda, crê que muitos profissionais da saúde com quem interage tratam a doença com leviandade. O amigo Muzil fala em uma união dos homossexuais por meio de uma experiência comum, mas Guibert vive atemorizado por tal incerteza e se apresenta de forma crua e sem constrangimento, revelando com total transparência o impacto da doença em si. Se comparado a Caio Fernando Abreu, há mais envergonhamento, mas não menos pudor, e uma nota um tanto maior de desalento, insanabilidade e acabrunhamento.

O livro funciona como um ato compulsivo de despedida à medida que Guibert aguarda a aproximação da morte, cada vez mais curto o tempo com vida.

Enquanto isso, ele encontra forças e tempo para deixar algum registro da própria versão dos fatos, do mundo e de si mesmo. Nessa pequena margem de incerteza que lhe resta, acompanha todo o texto um apelo angustiado e desesperado de salvação que, a cada abandono, vai se convertendo em ressentimento contra tudo e todos (Quinalha, 2023).

O diagnóstico positivo de HIV só se confirma na segunda metade da obra, mas a expectativa enquanto relembra eventos e perdas do passado é crescente conforme os dias de dezembro e janeiro passam. A subjetividade por trás das palavras constrói pontes para que Guibert-autor e Guibert-personagem se conectem e aprendam, em seus tempos, a vencer o esquecimento por meio do registro memorial.

[...] conduzido de um hospital a outro, submetido a uma série de tratamentos com base em remédios e transfusões de sangue, inseguro quanto à possibilidade de se relacionar sexualmente, o que se observa em *À l'amí qui ne m'a pas sauvé la vie* [*Ao amigo que não me salvou a vida*] e “Cartas para além do muro” [sic] é o retrato de um corpo reduzido, sem autonomia para atuar no mundo da maneira que lhe convém, frente à impossibilidade da performance (Fernandes, 2016, p. 115-116).

Cabe sinalizar uma semelhança na atitude tanto de Guibert quanto de Abreu ao momento que recebem seu diagnóstico. Sem terem conseguido se dedicar integralmente à literatura, ambos passam a querer se dedicar a um novo projeto de escrita. Embora nem todos os textos de Guibert possam ser classificados como autoficcionais, sua obra como um todo parece se aproximar desse gênero. Na sequência da “revelação inapelável” (Guibert, 2023, p. 49) de *Ao amigo que não me salvou a vida*, vieram *Protocolo da compaixão* (1991) e *O homem do chapéu vermelho* (1992), que também abordam a convivência com o vírus, ambos traduzidos no Brasil pela José Olympio na década de 1990. O gênero da autoficção surge em um momento crucial de sua vida, em uma tentativa de ficcionalizar a própria vida e alcançar o potencial de uma identidade sexualmente tumultuada. Nos três anos finais de sua vida, todo o material que produziu se voltou para o tema do “sida”, como os franceses chamam.

(Aliás, algo similar se passou com o amigo Muzil, conforme contado no capítulo 13 do livro de Guibert: Michel Foucault, ao saber da soropositividade, tomado por “impotência e decrepitude” (Guibert, 2023, p. 29), sentiu-se na obrigação de abandonar sua *História da sexualidade*, prevista para compor-se de quatro tomos. O filósofo volta ao terceiro volume antes de sua publicação, reorganiza-o e arremata uma conclusão de última hora para a teoria que estava desenvolvendo, sem poder desenvolver o projeto da história dos comportamentos por completo. “A certeza de sua morte iminente acabou com esse sonho” (Guibert, 2023, p. 29).)

E Abreu segue essa mesma ânsia de produção literária. Ressoando aquilo que escreveria n’*O Estado de S. Paulo*, na correspondência a Magliani, ele afirma: “[...] acho que Deus está me dando a oportunidade de *determinar prioridades*. E eu só quero escrever. Tenho uns quatro/cinco livros a parir ainda, chê. Surto criativo tipo Derek Jarman, Cazuza, Hervé Guibert, Cyrill Collard [sic]” (Abreu, 2016). Pariu mesmo: antes de morrer, publicou mais cinco livros, entre inéditos e revisões, além de duas traduções.

Depois disso, mesmo que lhe custasse sofrimento expor uma situação carregada de preconceitos, Caio Fernando Abreu continua sua publicação quinzenal n’*O Estado de S. Paulo* até dezembro de 1995, usando-a como espaço para refletir sobre a doença e a proximidade da morte, com constância citadas ou aludidas. Vai tratar o assunto por três vieses. Primeiro aborda-o como um desafio a ser superado, aceitando as limitações do corpo como parte da vida. Depois, descreve os impactos físicos da doença, com febres, suores e uma atmosfera de medo e incerteza. Por fim, reflete sobre a proximidade da morte e o alívio que ela poderia trazer (Magri, 2013). Em todos os momentos, no entanto, por maiores que fossem as dificuldades, ao menos busca se conectar positivamente com o leitor.

#### 4. Considerações finais

Em diversos momentos, o avanço da doença no corpo foi percebido com perplexidade por Hervé Guibert e Caio Fernando Abreu. A perda de autonomia e a incapacidade de agir no mundo, por exemplo, afastaram os autores da imagem que tinham de si mesmos antes dos respectivos diagnósticos.

Escrever é entendido então como um modo de resistir. “Não vou parar de escrever. É o que mantém o homem vivo, compreende?”, escreve o brasileiro na crônica “Venha ver os dragões” (Abreu, 2012, p. 153), de 25 de março de 1988, antes mesmo de descobrir-se “HIV +”. Ao passo que o francês ambiciona no capítulo 23:

[...] devido ao anúncio de minha morte, eu fora tomado pela vontade de escrever, correndo o risco de escrevê-los mal, um livro estranho e ruim, depois um livro filosófico, e de devorar esses livros quase que simultaneamente dentro de minha reduzida margem de tempo, e de devorar o tempo com eles, vorazmente, e de escrever não apenas os livros de minha maturidade antecipada mas também, como flechas, os livros muito lentamente amadurecidos de minha velhice (Guibert, 2023, p. 58).

Ambos entendem consigo mesmos que “a luta continua” (Abreu, 2012, p. 186), como finaliza “Negro amor ao som de Bruce Springsteen”, conselho não dito, mas dado por Abreu a João — e que poderia ter reconfortado Guibert três anos antes enquanto o francês lidava com a soropositividade.

## Referências

*120 batimentos por minuto*. Direção de Robin Campillo. Paris: Les Films de Pierre, 2017. (143 min.).

ABREU, Caio Fernando. *A vida gritando nos cantos: crônicas inéditas em livro (1986 – 1996)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ABREU, Caio Fernando. *Cartas*. Organização: Italo Moriconi. 2a ed. São Paulo: e-galáxia/Selo HB, 2016. *E-book*. Disponível em: <https://e-galaxia.com.br/produto/cartas/>. Acesso em: 17 mar. 2025.

ABREU, Caio Fernando. *Pequenas epifanias*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

ARRIAGADA, Raul Ignacio Valdivia. *Vestígios do impossível: a aids nas crônicas jornalísticas de Caio Fernando Abreu*. Orientadora: Helena Bonito Couto Pereira. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/93bf19a4-c95e-4ca2-a983-75dfacc0d4b7>. Acesso em: 24 nov. 2024.

*CARTA para além dos muros*. Direção de André Canto. São Paulo: Canto Produções, 2019. (85 min.).

FERNANDES, Guilherme. *Corpo e escrita: a elaboração da AIDS em Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert*. Orientadora: Claudia Consuelo Amigo Pino. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-14032017-140331>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FERNANDES, Guilherme. Nas entrelinhas do corpo: a elaboração da aids em *À l'ami qui ne m'a pas sauvé la vie*, de Hervé Guibert, e “Cartas para além do muro”, de Caio Fernando Abreu. *Non Plus*, São Paulo, ano 4, n. 8, p. 109-25, jul. a dez. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonplus/article/view/106896>. Acesso em: 25 nov. 2024.

GUIBERT, Hervé. *À l'ami qui ne m'a pas sauvé la vie*. Paris: Éditions Gallimard, 1990.

GUIBERT, Hervé. *Ao amigo que não me salvou a vida*. Tradução: Julia de Rosa Simões. São Paulo: Todavia, 2023.

JESUS, André Luís Gomes de. *Escrevendo o próprio corpo: a problemática da autobiografia e da (auto)ficção em Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert*. Orientador: Arnaldo Franco Junior. 2014. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/127581>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MAGRI, Milena Mulatti. A aids nas crônicas de Caio Fernando Abreu. *Estação Literária*, Londrina, v. 11, p. 170-82, jul. 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/28228>. Acesso em: 25 nov. 2024.

QUINALHA, Renan. Um retorno a Guibert. *Quatro cinco um*, São Paulo, ano 7, n. 70, mai. 2023. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/livros-e-livres/um-retorno-a-guibert/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien: poétiques journalistiques au XIXe siècle*. Paris: Seuil, 2007.



Repositórios e Ciência Aberta, direitos autorais das pessoas autoras, 2025, licenciado sob [Creative Commons Attribution 4.0 International License \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).